

Javier Marías

Negras costas do tempo

Tradução de Ana Maria Pereirinha



*Para a minha mãe, Lolita
que me conheceu bem,
in memoriam;
e para o meu irmão Julianín
que não chegou a conhecer-me,
e portanto sem memória*

Creio que nunca confundi ainda a ficção com a realidade, embora as tenha misturado em mais do que uma ocasião como toda a gente, não só os romancistas, não só os escritores, mas todos os que contaram alguma coisa desde que começou o tempo que conhecemos, e nesse tempo conhecido ninguém fez mais do que contar e contar, ou preparar e pensar a sua história, ou maquiná-la. Assim, qualquer pessoa conta uma história do que lhe aconteceu e, pelo simples facto de a contar, já a está a distorcer e a deturpar, a língua não pode reproduzir os factos e, portanto, não deve tentar fazê-lo, daí que em alguns julgamentos, suponho — os dos filmes, que são os que conheço melhor — se peça aos envolvidos uma reconstrução material ou física do que aconteceu, é-lhes pedido que repitam os gestos, os movimentos, os passos envenenados que deram ou como apunhalaram para se converterem em réus e que simulem empunhar novamente a arma e assestar o golpe a quem deixou de estar e já não está por sua causa, ou no ar, porque não lhes basta que o digam e contem com a maior precisão e desprendimento, precisam de o ver e é-lhes pedida uma imitação, uma representação ou encenação, embora agora sem o punhal na mão nem corpo onde o cravar — saco de farinha, saco de carne —, agora a frio e sem acrescentar outro crime ou uma nova vítima, agora

apenas como fingimento e lembrança, porque o que nunca podem reproduzir é o tempo passado ou perdido nem ressuscitar o morto que já passou e se perdeu nesse tempo.

Isso indica uma desconfiança última da palavra, entre outras coisas porque a palavra — mesmo a palavra falada, até a mais tosca — é ela própria metafórica e, portanto, imprecisa, e, além disso, não é concebível sem ornamento, muitas vezes involuntário, há-o até na exposição mais árida e costuma havê-lo na interjeição e no insulto. Basta que alguém introduza um «como se» na sua história; mais ainda, basta que faça um símile ou uma comparação ou que fale em sentido figurado («ele ficou numa fúria» ou «portou-se como um palhaço»), esse tipo de expressão coloquial que pertence mais à língua do que ao falante que escolhe, não é preciso mais) para a ficção deslizar para a narração do que aconteceu e o alterar ou falsificar. Na verdade, a velha aspiração de qualquer cronista ou sobrevivente, contar o que se passou, dar conta do sucedido, registrar feitos e delitos e façanhas, é uma mera ilusão ou quimera, ou, melhor dito, a própria frase, esse próprio conceito, são já metafóricos e fazem parte da ficção. «Contar o que aconteceu» é inconcebível e vão, ou só é possível como invenção. Também a ideia do testemunho é vã e nunca houve testemunho que pudesse na verdade cumprir a sua missão. E depois esquecemo-nos sempre de demasiados instantes, até de horas e dias e meses e anos, e da cicatriz numa coxa que alguém viu e beijou diariamente durante muito tempo do seu tempo conhecido e perdido. Esquecemo-nos de anos inteiros, e não necessariamente os mais insignificantes.

E, no entanto, vou alinhar-me aqui com aqueles que tentaram alguma vez fazer isso ou que fingiram tê-lo

conseguido, vou contar o que aconteceu ou foi averiguado ou apenas sabido — o que aconteceu na minha experiência, ou na minha fabulação, ou no meu conhecimento, ou é tudo apenas consciência que nunca cessa — na raiz da escrita e da divulgação de um romance, de uma obra de ficção. Não é certamente uma grande coisa, nem sequer séria, tão-pouco premente, pode ser um entretém para o leitor curioso disposto em princípio a acompanhar-me, para mim tem a diversão do risco de contar sem motivo ou quase nenhuma ordem e sem traçar um plano ou procurar coerência, como se o fizesse com uma voz caprichosa e imprevisível, mas que todos conhecemos, a voz do tempo quando ainda não passou e não se perdeu e talvez por isso nem seja sequer tempo, talvez o seja apenas aquele que decorreu e pode ser contado ou assim parece, e que por isso é o único ambíguo. Eu creio que a voz que ouvimos é sempre fictícia, talvez a minha aqui o seja.

Não sou o primeiro nem serei o último escritor cuja vida se enriquece ou condena ou simplesmente se altera por causa do que imaginou ou fabulou e escreveu e publicou. Ao contrário do que acontece nos verdadeiros romances de ficção, os elementos desta história que começo agora são inteiramente aleatórios e caprichosos, meramente episódicos e cumulativos — todos impertinentes, segundo a pueril fórmula crítica, ou nenhum precisaria do outro — porque, no fundo, nenhum autor os guia, ainda que seja eu quem os conte, eles não respondem a nenhum plano nem são governados por nenhuma bússola, a maioria deles vem de fora e carece de intencionalidade; assim, não precisam de formar um sentido, não constituem um argumento ou enredo, nem obedecem a uma oculta harmonia ou se deve extrair deles qualquer lição — nem se deveria querer tal coisa

dos verdadeiros romances, e, acima de tudo, eles próprios não deveriam querê-lo —, nem sequer uma história com o seu início e a sua espera e o seu silêncio final. Não creio que isto seja uma história, embora me possa enganar, porque não conheço o seu fim. O início desta história, e isso sei, está fora dela, no romance que escrevi há muito tempo, ou ainda antes disso e então é mais difuso, nos dois anos que passei na cidade de Oxford a ensinar, como um impostor divertido, matérias bastante inúteis na sua Universidade, e a assistir ao decorrer daquele tempo acordado. O seu final ficará também de fora, e certamente coincidirá com o meu, dentro de alguns anos, assim espero.

Ou pode acontecer que esse fim me sobreviva, como nos sobrevive quase tudo o que emitimos ou nos acompanha ou causamos, duramos menos do que as nossas intenções. Deixamos demasiadas coisas em marcha e a sua tão fraca inércia sobrevive-nos: as palavras que nos substituem e às vezes alguém recorda ou transmite, nem sempre confessando a sua procedência; as cartas alisadas e as fotografias arqueadas e as notas deixadas num papel amarelo a quem vai dormir sozinha depois dos abraços despertos, porque nos vamos embora durante a noite como miseráveis em trânsito; objetos e mobiliário que estavam ao nosso serviço e a que demos entrada — uma cadeira vermelha, uma caneta, uma cena da Índia, um soldadinho de chumbo, um pente —, os livros que escrevemos, mas também os que só comprámos e lemos uma vez ou ficaram fechados até ao fim na sua prateleira e continuarão tal e qual noutro lugar a sua vida de espera, à espera de outros olhos mais ávidos ou sossegados; os fatos que vão ficar pendurados entre naftalina, porque talvez alguém com sentimentos insista em os manter — embora eu não saiba se ainda há

naftalina, os tecidos a desbotar e a elanguescer e sem ar, esquecendo de dia para dia as formas que lhes davam sentido e o cheiro desses volumes —; as canções que continuarão a ser cantadas quando já não as cantarmos, nem as trautearmos, nem as escutarmos, as ruas que nos abrigam como se fossem corredores intermináveis e aposentos que não se detêm nos seus inquilinos efêmeros e substituíveis; os passos que não podem ser reproduzidos nem deixam pagadas no asfalto e sobre a terra se desvanecem, ou não, esses passos não ficam, mas vão connosco ou mesmo antes, com a sua inocuidade ou o seu veneno; e medicamentos, a nossa caligrafia apressada, as fotos queridas que expusemos e já não olham para nós, o travesseiro e a nossa jaqueta pendurada num encosto; um capacete de explorador que veio da Tunísia nos anos trinta a bordo do navio *Ciudad de Cádiz* e pertenceu ao meu pai e ainda tem a tira de prender sob o queixo, e aquele ajudante de campo hindu em madeira pintada que eu acabei de trazer hesitantemente para casa, vai também durar mais do que eu essa estatueta, possivelmente. E as narrativas que inventámos, de que os outros se apropriarão, ou falarão da nossa passada existência perdida e nunca conhecida, convertendo-nos em seres fictícios. Até os nossos gestos continuarão a ser feitos por alguém que os herdou ou os viu e, sem querer, foi mimético ou os repete com o propósito de nos invocar e criar uma rara ilusão momentânea de vida por procuração; e talvez se conserve isolado noutra pessoa qualquer um dos nossos traços, que teremos transmitido involuntariamente, com coqueteria ou como maldição inconsciente, pois as feições às vezes trazem felicidade ou infortúnio, os olhos orientalizados e os lábios como pinceladas — «biquinho, biquinho» —; ou o queixo quase partido, as mãos grandes

e na esquerda um cigarro, eu não deixarei nenhum traço a ninguém. Perdemos tudo porque tudo fica, menos nós. Por isso qualquer forma de posteridade pode ser uma afronta, e talvez então também o seja qualquer recordação.

Vou aqui cometer várias afrontas porque vou falar, entre outras coisas, de alguns mortos reais que não conheci, e assim serei para eles uma forma inesperada e distante de posteridade. Ou, dito de outra maneira, serei a sua memória sem os ter visto e sem que eles pudessem prever-me no seu tempo já perdido, serei o seu fantasma. A maioria nem sequer pôs os pés no meu país ou conhecia a minha língua, embora um deles, de cuja morte, em contrapartida, não tenho registo, os conhecesse: Hugh Oloff de Wet, presente em Madrid no ano em que nasci e muito antes disso prestes a morrer aqui fuzilado. Também aqui tinha matado, como noutros lugares, depois e antes. E há outro que em contrapartida nasceu na minha própria casa, suponho que na mesma cama que eu, e eu muito mais tarde.

Diz-se sempre que por detrás de cada romance há uma sequência da vida ou da realidade do autor, por mais pálida ou ténue e intermitente que seja, e mesmo que surja transfigurada. Diz-se isto como se se desconfiasse da imaginação e da inventiva, ou como se o leitor ou os críticos precisassem de um apoio para evitar serem vítimas de uma estranha vertigem, a do absolutamente inventado ou sem experiência ou fundamento, e não quisessem sentir o horror ao que parece existir à medida que o lemos — às vezes respira e sussurra e até convence — e no entanto nunca

existiu, ou o supremo ridículo de levar a sério o que é uma pura figuração, luta-se contra a consciência latente de que ler romances é algo pueril, ou pelo menos impróprio da vida adulta que vai sempre aumentando.

De todos os meus romances, há um que permitiu aos seus leitores este consolo ou álibi em maior medida do que os outros, e não só isso, mas convidou-os a suspeitar de que o que nele era dito tinha a sua correspondência na minha própria vida, apesar de eu não saber se isso por sua vez faz ou não parte da realidade, talvez não fizesse se eu a contasse, e alguma coisa dela já estou a contar. Em todo o caso, esse romance intitulado *Todas as Almas* também se prestou à quase absoluta identificação entre o seu narrador sem nome e o seu autor com nome, Javier Marías, o mesmo desta história, em que narrador e autor coincidem e, portanto, já não sei se somos um ou se somos dois, pelo menos enquanto escrevo.

Todas as Almas foi publicado por uma editora cuja nome é melhor não lembrar em março ou abril de 1989, há já oito anos (é datado de março, mas foi generosamente apresentado por Eduardo Mendoza em Madrid, no bar Chicote, no dia 7 de abril, um dia muito importante por outras razões), e bastava olhar para a badana da primeira edição, com alguns breves dados biográficos sobre o autor, para saber que eu tinha ensinado na Universidade de Oxford durante dois anos, entre 1983 e 1985, tal como o narrador espanhol do livro, embora aqui não sejam mencionadas datas. E é verdade que este narrador ocupa a mesma posição que ocupei na minha própria vida ou história de que me lembro, mas isso, como muitos outros elementos deste e de outros romances meus, era apenas aquilo a que costumo chamar um empréstimo do autor à personagem. Pouco do que no livro se conta coincide com o que vivi

ou conheci em Oxford, ou apenas o mais acessório e que não afeta os factos: o ambiente abafado da cidade reservada ou esquiva e os seus professores atemporais que se iludem tanto acerca do que fazem e tão pouco acerca do seu destino (com um espírito eternamente usufrutuário); as livrarias sombrias e meticulosas de livros em segunda mão que eu visitava de luvas calçadas e olhos de lince, esperança dos livreiros que se cumpria; os mendigos abismados ou ameaçadores que povoam as ruas ao anoitecer e as percorrem imersos em alguma ofensa remota ou imaginária, sem nunca terem destino nem meta nem reparação; as badaladas frenéticas das igrejas vizinhas e sempre vazias de St. Giles e St. Aloysius que continuam a chamar, destemidas, os fiéis de outros séculos mais crédulos, almas que já não existem, mas que talvez para elas não estejam mortas; e ainda a abandonada estação de Didcot, na sua noite amarelada por lâmpões lânguidos, que pareciam despedir-se a cada piscar na sua insónia resignada e exausta: aí, uma jovem loira de gabardina e colar de pérolas, fumando e trazendo nos seus pés ingleses de fivelas e saltos baixos o ritmo de uma música memorizada que mais ninguém ouvia naquela plataforma para retardatários noturnos; e a luz do dia suspensa durante horas na primavera, fazendo com que o céu macilento se detivesse ou persistisse; ou uma florista de ar cigano que estacionava em frente à minha casa aos domingos de manhã com o seu casaco de cabedal e as suas botas altas e o cabelo comprido como de oleado negro a quem chamei Jane no meu livro e cujo nome na vida real era Anne, Anne Joseph, e vivia na vizinha Reading da famosa prisão casada com o senhor Hyde, Anne Joseph Hyde com dezanove anos, chovesse, nevasse ou chicoteasse o vento as suas flores modestas acondicionadas em papel de prata e tivesse de fechar o casaco

até acima, afundando o queixo, e agora terá trinta e um anos, se ainda lá estiver, ou na cidade de Reading com Hyde; ou o velhíssimo e pequeno porteiro de olhar diáfano que dava os bons-dias da sua guarita da Tayloriana, onde eu trabalhava e dava as minhas aulas, a quem chamei Will no livro e com quem aí falei muitas vezes, mas na vida real, em que se chamava Tom, nunca fui além do alegre bom-dia e agora ouvi dizer que Tom morreu, e assim morreram ambos, Tom e Will; e é estranho ter conhecido melhor o porteiro Will que nunca existiu, ou não em carne e osso, e lamentar mais a sua morte figurada apenas com papel e tinta — mas nem sequer está escrita, porque no fim desse romance eu disse precisamente: «Will, o velho porteiro, está vivo» — do que a do verdadeiro Tom, cujo verdadeiro nome também não era Tom, mas sim Walter, como vejo agora numa carta escrita por ele a 5 de junho de 1984, quando eu estava lá e o encontrava às vezes com os seus olhos maravilhados e azuis e a mão jovial erguida, no seu posto honorífico na Tayloriana que já era apenas um empréstimo: permitiam-lhe que ocupasse a guarita às vezes para que se sentisse útil e não perdesse o fio da continuidade, para que ele brincasse a ser ainda porteiro, na velhice, como na infância, é-se enganado e brinca-se, e escondem-nos coisas, ou isso acontece em qualquer idade. E nessa carta assina «Walter Thomas» e, entre parênteses, «(Tom)», caso o professor a quem se dirigia não o reconhecesse pelo nome e apelido reais, os amos geralmente não sabem os apelidos daqueles que os servem, ou dos que só estão e esperam, como no verso de Milton¹. Tom escreve

¹ Referência ao último verso do Soneto XIX, «On his Blindness»: *They also serve who only stand and wait* (Também servem os que só estão e esperam). (N. da T.)



sem comas e com uma letra bastante firme e muito legível para a sua idade, e diz que há sessenta e três anos que é criado em Oxford e que, por essa razão, participou recentemente em três palestras radiofônicas matinais de uma estação de rádio local e um ano antes num programa de televisão intitulado *Regresso a Oxford* («muitos professores gostaram muito e disseram que eu estive muito bem»). «Já estou a ficar um pouco velho, 93», acrescenta, e explica como depois de servir três anos na antiga Força Aérea, o Royal Flying Corps da Primeira Guerra Mundial, foi porteiro no Queen's College e depois, em All Souls, mais tempo, precisamente em All Souls ou Todas as Almas (e eu não o sabia até agora) na sua tradução literal e inexata, onde se aposentou aos setenta anos. Menciona Sir Arthur Bryant, de quem foi criado no Queen's e que sempre insistia para que escrevesse um livro. «Agora ele morreu», diz do historiador que certamente nunca se deu ao trabalho de contar a sua história, «mas era uma pessoa para quem era muito agradável trabalhar», observa com a docilidade de quem sempre foi um serviçal e se sentia, talvez devido a isso, comutável e secundário, nem sequer uma testemunha. «Boa sorte, professor», assim se despede Tom, a quem o destinatário da carta tornada pública chama «o homem mais prestável da Europa». «Boa sorte, professor», assim também se despede de mim, portanto, o porteiro Will tranquilo e ufano que inventei ou fabulei e que me atribuía diferentes nomes na sua contínua viagem através do tempo — Dr. Magill e Dr. Myer e Sr. Brome, e Dr. Ashmore-Jones e Sr. Renner e Dr. Nott, e Sr. Trevor e também Sr. Branshaw — bem, não há nada que eu saiba agora sobre Tom que contradiga ou negue o meu Will de ficção, que passava cada dia crendo-se num ano diferente

da sua longa vida e, portanto, para ele todo o tempo era presente ou retorno e nada era passado ou tempo perdido que já não podia reproduzir-se. Pois ele reproduzia-o involuntariamente e por isso tinha a sorte de nenhum lhe parecer ambíguo. Quem sabe em que ano vivo das suas viagens terá sido apanhado pela morte, em que momento, jovem, maduro ou velho da sua longa existência acreditou despedir-se, em que dia infeliz ou alegre. Talvez nesse dia que deteve o seu frágil corpo ainda vivesse para Will a sua esposa, que o antecedeu no tempo real, no nosso tempo que ele tinha abandonado, e acreditou ter deixado viúva aquela de quem foi viúvo por tantos anos. Quem me contou da morte de Tom foi o seu sobrinho John, também ele porteiro da Tayloriana, sem dúvida por herança, embora essa herança não incluísse a aparência: um homem grande e alto com o cabelo penteado com risco ao meio e um bigode aguerrido, como um *boxeur* primitivo, aparentemente tolerante com as fraquezas alheias mas com um humor duvidoso e excessivo, como comentarei adiante. Foi despedido recentemente, o seu tio Tom ainda terá sido poupado a esse desgosto.

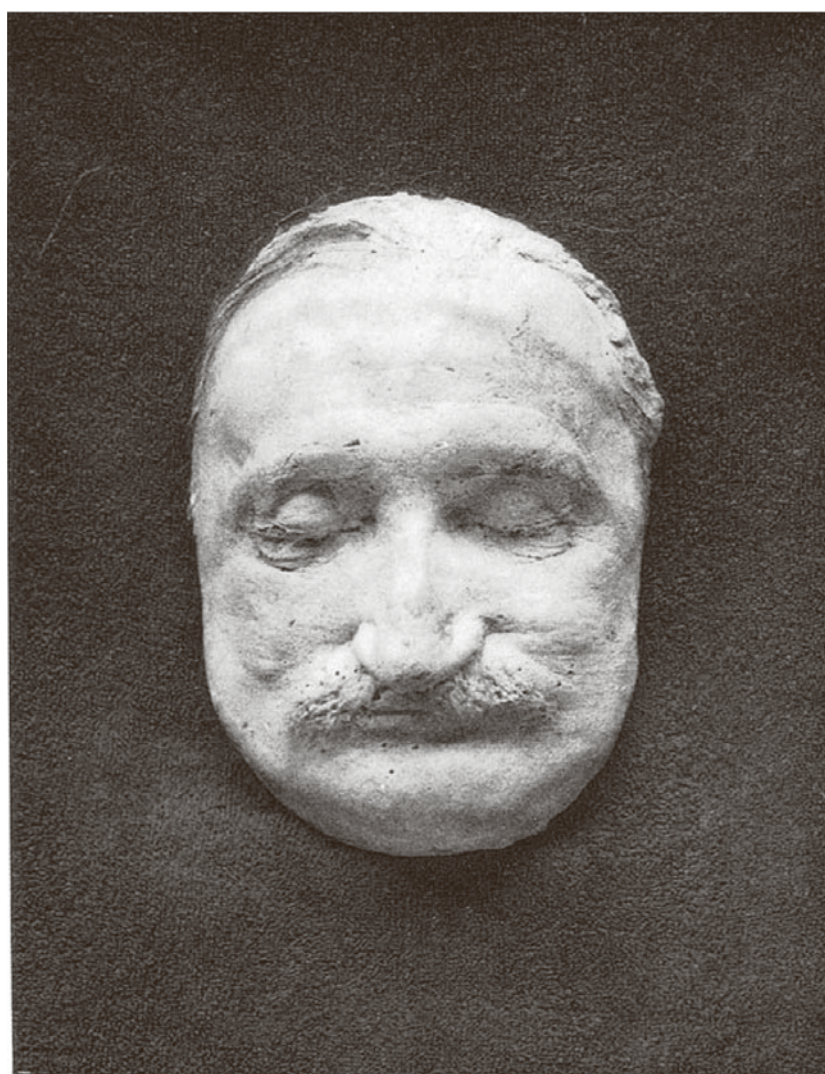
Portanto, só o cenário era real, e nem sequer isso, era uma Oxford enviesada, um reflexo da minha perspectiva imaginária ou falsa, o mesmo ponto de vista fabulador de quem passa apenas uma noite num hotel lendário que não regista a sua presença insignificante e fantasiosa ao lado das personagens célebres que aí pernoitaram ou se alojaram, ou quiçá se mataram ou foram mortas para o enobrecer e fechar um quarto que já só turistas irão pisar. Eu só contei o acessório quando é tão difícil saber o que virá a revelar-se acessório ou fundamental uma vez terminados o nosso livro ou a nossa história ou a vida e sejam tempo conhecido

ou passado que já não pode reproduzir-se. Talvez o livro possa, de cada vez que é lido: mas não, cada vez que é lido a leitura altera-o e, por outro lado, nenhuma leitura o reescreve.

E também era real o que a muitos leitores parecia mais romanesco e fictício, pura invenção à maneira de Kipling, pura fábula minha, a história então contada às apalpadelas do desventurado, calamitoso e jovial escritor John Gawsworth, o incrível rei de Redonda que nunca viu o seu reino, mas o vendeu várias vezes e se fez coroar João I, e cujo nome verdadeiro era também outro, Terence Ian Fytton Armstrong, de quem incluí e descrevi no romance duas fotografias que agora volto a pôr aqui como recordatória daqueles que o leram e conhecimento imediato daqueles que o não fizeram e terão de se familiarizar com o seu rosto e os seus vários nomes, se continuarem em contacto com estas páginas, e a passá-las. Pois deste homem terei de falar e bastante, já que agora, por assim dizer, o tenho em casa. E ainda que morto — e a segunda fotografia não é exatamente dele, mas da máscara mortuária que lhe fez Hugo Oloff de Wet logo de seguida, homenagem desadequada para quem deixava o mundo convertido em mendigo — vive um pouco em mim, se é que se pode dizer tal coisa de alguém que morreu há vinte e seis anos sem suspeitar da minha existência.

Tenho diante de mim uma cópia da certidão de óbito dele em 1970 e outra da certidão do seu terceiro e último casamento quinze anos antes, com uma viúva cinco anos mais velha do que ele, — ele com quarenta e três e ela com quarenta e oito anos, à data do casamento —, e ambas as cópias foram colocadas nas minhas mãos pela neta daquela mulher viúva e casada e viúva, uma inglesa loira cujo nome





é Maria, sem acento mas com o mesmo nome da minha avó andaluza que eu não conheci, María Aguilera, que deve ter rido quando se viu casada com um viúvo amalucado e jovial de apelido Marías e se tornou quase uma declinação, María de Marías. Na primeira certidão diz-se que Armstrong — sem vida já não era Gawsworth, ou não o era para os médicos, ou talvez não o fosse já havia tempo — morreu no Brompton Hospital, no Bairro de Chelsea, em Londres, e são especificadas as causas médicas da morte.

No espaço correspondente à profissão, um funcionário chamado Vinten ou um informador chamado Lewis escreveram: «*A poet*», e no seguinte, sob a epígrafe «*Qualification*», acrescentaram que o corpo devia ser enterado «consequentemente», e assim teve de ser feito. E, no entanto, é na minha casa de Madrid que ainda respira agora o estranho e infeliz espírito do poeta rei de Redonda ou resiste ao desaparecimento e ao sossego ou a abandonar a farra, e onde está a sua letra, que é como quem diz a sua voz que fala. Ou falará mais tarde, porque ainda não é o momento de a escutar, embora essa hora vá chegar à medida que eu vá escrevendo estas linhas e passando estas páginas.

Mas não foi nenhum desses seres reais que mencionei que tiveram notícias imediatas do meu romance, porque nenhum deles sabia espanhol nem o meu nome, nem que eu escrevia, e talvez eles não lessem muito, à exceção do bibliófilo e bibliómano Gawsworth ou Armstrong, mas ele tinha morrido a 23 de setembro de 1970, eu por essa altura, três dias antes, tinha acabado de completar dezanove anos, e ele nunca poderia prever-me. E embora De Wet soubesse espanhol, quem saberá o que foi feito dele, de quem não se conhece o tempo e cujo rasto se perdeu.

Como expliquei num artigo de 1989 que intitulei «Quem Escreve», o narrador sem nome de *Todas as Almas*, a quem, se bem me recordo, só se chama «o nosso querido espanhol» ou «o cavalheiro espanhol» na boca de outras personagens, no seu regresso a Madrid, após dois anos de falso exílio ou emigração privilegiada em Oxford, aparecia casado com uma mulher chamada Luisa e pai de um recém-nascido tido dela, coisa que é demonstrável que não era a minha situação nem o meu caso, nem me aconteceu. Nem sequer houve nenhuma Luisa importante ou duradoura na minha vida. Esse detalhe por si só impedia a identificação absoluta do narrador com o autor e, portanto, de qualquer outra personagem com alguém real que eu tivesse

conhecido ou com quem tivesse tratado durante a minha estada. O resto do que o narrador relatava poderia ter acontecido comigo, ou ter sido testemunhado por mim. Eu podia declarar e garantir, como já fiz muitas vezes e faço de novo agora, que quase tudo era inventado, menos o cenário e alguma experiência secundária e transfigurada no livro; que nenhuma personagem tinha o seu paralelo em qualquer pessoa que existia ou tinha existido, e mais concretamente que nenhuma era o retrato ou a caricatura de qualquer um dos meus colegas ingleses da época na Faculdade de Línguas Modernas e Medievais, da qual fazia parte o Departamento de Espanhol a que eu estava ligado. Mas, na realidade, não há razão para que acreditem no que eu garanto ou declaro, ainda que haja uma confiança e uma injustificável tendência para acreditar no que os autores afirmam a respeito dos seus livros. (E ao adverti-lo percebo que estou a pôr involuntariamente em causa a veracidade de quanto estou a dizer aqui e continuarei a dizer, mas tenho de correr esse risco e apelar a essa credulidade apesar de tudo: se me dão ou não atenção, se sou ouvido ou não sou ouvido, e não há porque o fazer; não há volta a dar, é tudo.) O que eu não podia e nem posso é demonstrar que os factos do romance *não* me aconteceram a mim, na minha vida, tal como é sempre impossível demonstrar que alguém *não* fez qualquer coisa ou cometeu um crime se se parte do pressuposto contrário, e os ditadores bem o sabem: em Espanha, para não ir mais longe, foi essa a política do sistema judicial do franquismo mal terminou a guerra e durante muito tempo. Um vizinho, um inimigo, um rival, um invejoso, um amigo acusava alguém de vários crimes, quanto mais atrozes, melhor; isso era suficiente para a prisão e o julgamento ou antes um simulacro de tal,

em que se dizia ao arguido: «Vamos lá ver, prove que não matou ou não traiu ou não saqueou ou não violou», por exemplo, sabendo que é quase impossível provar negativamente. E isso aconteceu com o filho mais novo de María Aguilera de Marías, meu pai, que foi acusado, entre outras coisas imaginativas, de ter sido durante a guerra «colaborador do diário moscovita *Pravda*» e — isto para mim causa de uma inconsolável inveja — «companheiro voluntário do bandido Deão de Cantuária». Devo admitir que teria subornado com uma boa quantia ou me teria submetido a alguma prestação ignóbil para me ver acusado, alguma vez na vida, de um cargo tão extravagante e arcaico. Ainda não consegui descobrir muito sobre a participação no conflito deste «bandido», que ficou conhecido como «*the Red Dean*», «o Deão Vermelho», e cujo verdadeiro nome era Dr. Hewlett Johnson — como se ele fosse um oxoniano, e de facto, doutorou-se em Teologia em Oxford, em 1904, no Wadham College que não me é inteiramente desconhecido —; do pouco que sei, o mais impressionante é que ele foi o primeiro a romper o bloqueio naval de Bilbao em 1937 e que no início da guerra tinha sessenta e dois anos e no fim sessenta e cinco, idades meritórias para andar por aí armado em bandido em terra estranha e arriscar a pele zarpando de Bermeo num torpedeiro francês para chegar sem percalços a Saint-Jean-de-Luz, depois de evitar minas e navios de guerra franquistas, para além de outras possíveis proezas ou felonias com o seu companheiro voluntário, fosse ele quem fosse, que certamente não foi o meu pai nem, com certeza, o Arcebispo de Cantuária, que não teve escolha a não ser fazer uma declaração pública em 1947 para salientar que para além dos limites catedralícios, o seu Deão falava e agia apenas

a título particular e o Arcebispo não era responsável pelo que ele pudesse dizer ou fazer, «nem está em seu poder controlá-lo». O Deão Vermelho de Cantuária, russófilo indómito e inabalável, apologista da República Espanhola, tinha, sem dúvida, saído incólume das suas andanças peninsulares, uma vez que viveu até aos noventa e dois anos, quase tanto quanto o meu tranquilo porteiro Will, que também tinha lutado noutra guerra. Mas por esta sua involuntária companhia e causa eu estive prestes a não nascer, tendo em conta que o pelotão de fuzilamento costumava ser em 1939 o destino mais repetido e comum dos denunciados pelas amizades patrióticas e cautelosas, e se o meu pai não foi além da prisão foi por sorte e devido à tenacidade da minha mãe — ainda não sabiam que se iriam casar — e não por falta de rancor dos seus dois delatores. E que importância teria eu não ter nascido. Há demasiados que nascem e é como se isso não tivesse acontecido e nunca tivessem existido; são tão poucos aqueles de quem a memória é preservada e há tantos que morrem cedo como se o mundo não tivesse paciência para assistir às suas vidas ou tivesse pressa de se livrar deles, o esforço vão e os passos minúsculos sem deixar rasto ou apenas para a memória nítida de quem ensinou a dá-los e cometeu o erro ou fez o esforço, como um luxo caro e supérfluo que é imediatamente expulso da terra como se fosse um vapor e nem sequer se permite pôr à prova. E que importância teria se ninguém tivesse nascido, nunca.

Assim, a única coisa que pode ser demonstrada negativamente em relação ao escasso grau de autobiografia no meu livro é que eu não tinha nem tenho uma mulher chamada Luisa nem de facto uma mulher chamada coisa nenhuma, muito menos um filho recém-nascido então,

que se tivesse existido e não fosse em vão, contaria agora — horror — sete ou oito anos de idade, um pequeno vândalo ou talvez pior ainda, quem sabe, um pequeno sabichão digno de ser deportado. (Talvez eu não tivesse sido um bom pai.) Mas nem sequer isso deixou de me ser atribuído por quem me conhecia apenas o necessário, e não conhecia nada da minha vida privada.

Dava eu nessa altura aulas de Teoria da Tradução na Universidade Complutense de Madrid, algo também accidental e que durou quatro cursos — nunca pensei em me dedicar à sofrida docência, atormentada por rasteiras e intrigas — depois de vários anos errantes não só em Oxford, mas também perto de Boston e em Veneza. Desagradava-me tanto o ambiente universitário espanhol e as suas mesquinhezes que aproveitava o horário noturno para não fazer nenhuma vida de claustro e aparecer apenas o indispensável na triste Faculdade meio vazia e à meia-luz, já tomada pelas empregadas de limpeza que a essas horas se sentem donas dos resíduos e por isso dão ordens ou afugentam professores e alunos, como as davam aos passageiros e trabalhadores ferroviários na estação de Didcot ou na de Mestre, perto de Veneza, onde passei parte de uma noite expulso e envolto em nevoeiro. Dava as minhas aulas, alinhavadas no táxi de ida, e saía mal acabavam, às nove ou dez da noite, dependendo do dia, por isso, quase não havia espaço para confraternização com os alunos ou de companheirismo com os colegas, e quase ninguém sabia nada sobre mim que não fosse mais ou menos público. Então, pouco depois de *Todas as Almas* sair, tive aí mesmo um primeiro aviso — ou terá sido o segundo — de que tudo o que o meu narrador contava e dizia podia ser-me atribuído do princípio ao fim. Um grupo de estudantes — sobretudo

alunas — esperou-me uma noite à saída da sala de aula para me fazer algumas perguntas, às quais suponho que devo ter respondido também de improviso e enquanto avançava pelos corredores com a minha imprópria pasta de plástico rígido preto com uma pega azul, cercado por elas como se fosse um político idiota entre comitiva e jornalistas — tinha notado que os professores gostam muito de andar com desembaraço e divertia-me a imitá-los por uma vez, aos verdadeiros e diurnos —, uma jovem perguntou-me, solícita e sem qualquer transição antes de o fazer:

— Como está o menino?

— Que menino? — disse eu com surpresa.

A aluna tinha descaramento.

— Que menino havia de ser, o seu. — Ou talvez tenha dito «o teu». Eu tratava os alunos por «você», mas eles tuteavam-me à mais pequena ocasião, fora da sala de aula era imediato, a mudança de tratamento podia ser uma questão de segundos, como se me tirassem a máscara. Embora nem todos fossem jovens, alguns mais velhos do que eu e todos licenciados, as minhas cadeiras eram-lhes úteis para o doutoramento que eu não tinha nem tenho. Mais de uma vez considerei a possibilidade de me inscrever nas minhas próprias cadeiras e ser aluno de mim mesmo para aproveitar os créditos (teria disfarçado e tido só classificações de Notável; e ter-me-ia tratado sempre por você).

— O meu? — reagi agora com alarme. Ainda não me tinha caído a ficha. — Mas qual menino meu? Eu tenho um menino? Acredite que é uma novidade.

As outras sentiram-se então encorajadas a intervir, talvez sentindo-se defraudadas, quero dizer, vítimas de uma fraude.

— Mas tu contas isso no teu romance, aquele que acabou de sair — protestaram como se exibissem uma garantia.

— Ah. — E fiquei calado por um momento, parei no corredor dominado pelas mulheres de limpeza apáticas (a mão na anca durante um intervalo meditativo) que labutavam com as suas batas mal abotoadas e as suas esfregonas parcimoniosas. Hesitei entre retificar e legitimar essa criança ante aquelas jovens, e, portanto, também Luisa, a minha mulher romanesca. É claro que eu já me poderia ter divorciado dela, por exemplo, por ser ciumenta, ou colérica e intrometida ou por não se calar um minuto, ou pela sua maternidade negligente e atormentada, um erro, este casamento, talvez eu tivesse ficado com a criança. (Ou poderia ter-me abandonado ela, por ser ensimesmado e misterioso.) Acabei por dizer a verdade enquanto retomava o passo:

— Mas isso não sou eu, é o narrador do romance, eu não sou casado nem tenho nenhum filho, pelo menos que saiba. E acho que sei.

— Mas estiveste em Oxford — objetou uma delas.

Uma única coincidência segura (a badana do livro influenciou o livro) foi o suficiente para me atribuírem o resto, pensei, e isso pareceu-me uma reação de leitura demasiado elementar tratando-se de licenciados, na sua maioria filólogos de diversas línguas.

— Estive, e o que isso tem isso a ver? — respondi.

— Então não é verdade? — insistiu uma estudante. — Pois estávamos todas convencidas de que tinhas um bebé pequeno. — Lembro-me que ela disse «todas convencidas», no feminino, talvez não tanto por causa do grande número de mulheres nos cursos, como sempre em Letras,

mas porque a descoberta teria sido comentada apenas entre as do seu género. E numa daquelas alunas julguei ter notado uma expressão de alegria quando ouviu que não era casado. Nada de que me gabar ou orgulhar, uma vez que todos os professores do mundo gozam daquilo a que se pode chamar «o efeito de estrado» e graças a ele desencadeiam paixões espúrias e alucinatórias, até os mais feios, os mais sujos, os mais odiosos, os mais despóticos e mais ruins, sei disso muito bem. Vi mulheres deslumbrantes quase adolescentes a tremerem e a derreterem-se por infra-homens fedorentos com um pau de giz na mão, e rapazinhos ingênuos rebaixarem-se (circunstancialmente) por um decote estriado e magro debruçado sobre uma mesa. Os que tiram partido deste efeito de estrado são geralmente desprezíveis, e são muitos. O que eu não entendi foi a satisfação daquela aluna com as cores da minha pasta (olhos azuis e cabelo preto), pois quem estava casada, em todo o caso, era ela. Talvez fosse satisfação literária, e tivesse ficado contente apenas por verificar que era um romance o que ela tinha visto como romance.

«Então falam de mim», pensei. «E deram-se ao trabalho de comprar e ler o meu livro imediatamente.» À medida que avançávamos, iam-se apagando mais luzes, como se aguardassem com impaciência ver-nos pelas costas para se retirarem, e as mulheres da limpeza não contassem. Ou talvez estas possam trabalhar no escuro e de olhos fechados, como se fossem sonhadas a partir de outros lugares. Porventura a partir de Mestre ou Didcot, é difícil mudar os destinos uma vez começados, se não se sabe que são destinos.

**Do grande mestre da literatura espanhola,
uma viagem pelas difusas fronteiras
entre realidade e ficção — o único lugar
onde a convivência entre vivos e mortos
parece possível.**

«Não sou o primeiro nem serei o último escritor cuja vida se enriquece ou condena ou simplesmente se altera por causa do que imaginou ou fabulou e escreveu e publicou.»

Talvez nenhum outro autor tenha visto a sua realidade tão invadida pela ficção como Javier Marías, nem tantas pessoas a comportarem-se como as personagens dos seus romances; talvez nenhum outro autor tenha também mergulhado tão intensamente nas páginas que escreveu.

Neste livro a que chamou «falso romance», Marías revisitou *Todas as Almas*, publicado anos antes e que despertara nele um mundo adormecido onde tudo cabe: o acaso e a fatalidade, a fortuna e o infortúnio, uma bala perdida no México, uma maldição familiar em Havana, um rapaz surdo que escreve o nome de trás para a frente e até um piloto mercenário que engana a morte. Com a destreza de um cirurgião, o autor dissectiona as entranhas e revela os segredos da anatomia da sua obra. A voz do autor-narrador é como um barco à deriva entre o espaço e o tempo, entre a realidade vivida e a realidade sonhada, rumo à própria literatura.

Em *Negras costas do tempo*, romance crucial na trajetória de Javier Marías e na história da literatura espanhola desde então, a voz do autor é mais ambiciosa do que nunca: «a voz do tempo, quando ainda não há passado».



**«Este livro oferece o impensado reverso da realidade,
o substrato social do romance, a luz fora do tempo,
onde perdura tudo o que já cessou. Fascinante.»**

JUAN VILLORO



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

f alfaguaraeditora

@penguinlivros

ISBN: 978-989-589-433-8



9 789895 894338